

*James Miyamoto, Lídia Quieto Viana, Marcio Cotrim
e Carolina Pescatori*

Entre alegrias e tristezas, 2023 vai chegando ao fim... Que venham momentos de amor, prosperidade e paz! A revista *Thésis*, em respeito aos seus autores e leitores, buscou aplainar um passivo. Estamos publicando os números 6, 7 e 8, além das previstas 15 e 16!

Bem, estamos animados! O ano de 2024 promete alvissareiras novidades!

Temos no horizonte do ano que adentra o **Prêmio ANPARQ 2024**, a **revista *Thésis* números 17 e 18** e, no Rio de Janeiro, o **ENANPARQ8: Encruzilhadas – convergências e dispersões**. Este mote remete aos caminhos que... Ah, você saberá em breve! Aguarde mais um pouquinho...

São eventos e fatos que prometem agitar o mundo acadêmico e celebrar reencontros! Ao que parece, finalmente, vamos nos ver pessoalmente! E o Rio de Janeiro continua lindo...

Como se não bastassem alguns feitos e tantos planos, estamos lançando **UMA NOVA CHAMADA para a próxima edição da revista *Thésis*, a número 17...**

A historiadora Joan Scott¹ afirmou em seu texto *A história das mulheres*, de 1991, que esta "é um campo inevitavelmente político". Neste trabalho icônico, Scott narra o longo caminho para a consolidação do campo da história das mulheres que, por expor e questionar a hierarquia implícita da história do homem sobre a história da mulher, foi marcado por diversas estratégias internas de desqualificação e impedimento, mas acabou por desestabilizar os poderes instaurados na base da disciplina. No campo mais específico da história urbana, muito caro à arquitetura e ao urbanismo, a historiadora Maria Stella Bresciani², em 1989, argumentou que a história da mulher no espaço pú-

¹ SCOTT, Joan. A história das mulheres. In: BURKE, Peter. A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 2011, pp. 65-98.

² BRESCIANI, Maria Stella. Apresentação. Revista Brasileira de História, nº 18, A mulher e o espaço público. Agosto de 1989.

³ MARTINEZ, Zaida Muxí. *Mujeres, casas y ciudades: más allá del umbral*. DRP Barcelona: Barcelona, 2019.

⁴ HAYDEN, Dolores. *What would a non-sexist city be like? Speculations on housing, urban design, and human work*. In: LEGATÉS, R., STOUT, F. *The city reader*. New York: Routledge, 2003. Pp. 448-463.

⁵ BERTH, Joice. *Se a cidade fosse nossa: racismos, falocentrismos e opressões nas cidades*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2023.

⁶ Apesar de todas as suas limitações, a interpretação do percurso histórico do feminismo por ondas ainda é útil no sentido de organizar temporalmente as diferentes questões, temas, abordagens e reivindicações, esclarecendo suas transformações.

blico, para além de uma história da exclusão, é uma história de luta. Atualizando essas questões, a arquiteta Zaida Muxí Martínez questiona a historiografia da arquitetura e do urbanismo propondo uma “reescrita da história da arquitetura e do urbanismo a partir das contribuições das mulheres que foram silenciadas pela história geral”³. Na articulação entre história e projeto, a arquiteta Dolores Hayden lançou, em 1981, uma pergunta que ainda ecoa: “Como seria uma cidade não-sexista?”⁴. Atualizando essa pergunta, em 2023, a arquiteta e psicanalista Joice Berth questiona: “E se a cidade fosse das mulheres?”⁵.

A quarta onda feminista⁶ do início do século XXI trouxe consigo ampliações e aprofundamentos impressionantemente radicais para a teoria e a prática feministas a partir do feminismo decolonial, feminismo negro, feminismo indígena, feminismo queer e outras abordagens transformadoras. Um olhar sobre a produção das últimas décadas na arquitetura e no urbanismo parece anunciar a consolidação da abordagem feminista nesses campos e suas inconteste – e, esperamos, irreversíveis reverberações, apropriações e transformações. Esse arcabouço teórico vem questionando paradigmas e provocando importantes destabilizações em nossos campos de atuação que merecem ser documentadas e problematizadas.

A partir dessa abordagem, a revista *Thésis 17* convida trabalhos que desenvolvam outros olhares sobre a cidade e seus processos a partir de diferentes perspectivas de gênero, incluindo questões sobre habitação, mobilidade, segurança, direito à cidade, espaço público, projeto dos ambientes, outras histórias e narrativas da arquitetura e do urbanismo, especificidades e desafios de uma cidade para as mulheres, práticas projetuais e/ou tecnologias sociais que incorporem questões de gênero em seus processos, além de outras dimensões e temáticas afins.

As contribuições serão recebidas em português, inglês e espanhol através da página da revista *Thésis* até o dia 04 de março de 2024.

Neste número 16, na sessão **Ensaio**, Gabriel Perucchi, Liza M. Souza de Andrade e Vinícius Silva Rezende, no artigo **Santa Luzia Sensível à Água: abordagem leapfrogging com padrões espaciais de infraestrutura ecológica para ocupações informais no DF**, desenvolvem trabalho sobre o tema do desenho urbano sensível à água através das Soluções baseadas na Natureza (SbN), tendo como foco de estudo Santa Luzia, um assentamento informal locali-

zado entre a Cidade Estrutural e o Parque Nacional de Brasília, impactado pela baixa disponibilidade de infraestrutura e saneamento básico e rápida expansão populacionais. Em linha congênere, Andréa Vasconcellos e James Miyamoto, em **Infraestrutura Verde: uma revisão de literatura a partir do campo do urbanismo**, discorrem sobre a origem do conceito de Infraestrutura Verde no contexto urbano e ambiental, da relação entre cidade e natureza e dos estudos sobre a paisagem, sem deixar de abrir uma perspectiva de seus desafios e limitações quase 30 anos depois do termo ter sido cunhado. Lídia Quieto, em **Sobre vínculos e arestas: Lina e Eisenman por uma ficção de futuro**, trata de um encontro hipotético entre Lina Bo Bardi e Peter Eisenman, permeado por temporalidades descontínuas e imprevisíveis, em diferentes dimensões conceituais que lidam com camadas, fragmentações, existências e sobreposições refletidas em aparentes interseções improváveis em suas narrativas e obras. Inês El-Jaick Andrade, em **Centros de interpretação no contexto da política cultural brasileira**, contextualiza a comunicação interpretativa no campo do patrimônio em tempos mais recentes, que privilegiam o turismo com ênfase em sítios do patrimônio cultural. Destaca que a interação com o patrimônio cultural, através de apresentações e interpretações, estão relacionados com a sua preservação. Daniel Paz analisa, em **O Ciclo dos Arrabaldes: a configuração urbana de Salvador e seus arredores (1870-1940)**, a rotina de se veranejar nas regiões de entorno de Salvador, no século XIX, em períodos em que o início e o fim coincidiam com grandes festas urbanas. Na visão do autor, este deslocamento pendular aliado às festividades estimulou e contribuiu para a urbanização dos arrabaldes da capital baiana. Em **O diagrama como instrumento de análise na Obra de Andrea Palladio**, Monika Maria Stumpp utiliza recursos gráficos como instrumento de análise do processo projetual de Andrea Palladio, na busca de novos significados, leituras e interpretações. Mário Victor M. Margotto e Clara Luiza Miranda, em **Futuro e futurabilidade: Regimes de historicidade, crítica do design, da arquitetura e da cultura — da modernidade à abertura dos possíveis**, relacionam dimensões temporais, historicidades e crítica de arquitetura para a compreensão das modulações de temporalidades coexistentes, que designam posições distintas nas disputas no campo historiográfico, tanto na modernidade como na contemporaneidade.

Na sessão **Arquivo**, a revista *Thésis* homenageia respeitosamente o professor Giovanni Carbonara (1942-2023), recém falecido em fevereiro do presente ano.



Catedrático de Restauro de Monumentos na *Univer-*
sidade La Sapienza de Roma, foi responsável pela
formação de gerações de arquitetos especialistas na
conservação do patrimônio arquitetônico. **Nivaldo**
Andrade e **Yan Graco Cafezeiro** nos brindam com
a tradução de um texto de **Giovanni Carbonara: *Il***
restauro non è conservazione. Ou seja, **Restaura-**
ção não é conservação “ou, pelo menos, não é ape-
nas conservação”, como disse Carbonara, para com-
plementar: “[r]estaura-se, portanto, fazendo, de certo
modo, pintura na restauração pictórica, escultura na
restauração escultórica e arquitetura, na restauração
arquitetônica ou, como se dizia em um certo tempo,
na restauração de monumentos. (,,,) A restauração
arquitetônica se coloca, portanto, em uma catego-
ria de alto risco que exige obrigatoriamente escolhas
cautelosas, equilibradas e muito fundamentadas”.

Na sessão **Recensão**, a Thésis reconhece a alta qua-
lidade do livro: **Urbano-Constelação**, escrito pela
professora Rita Velloso. A obra foi agraciada com o
Prêmio ANPARQ 2022, na modalidade Livro Autoral. A
fim de destacá-la, convidamos a **professora Fabíola**
do Valle Zonno para uma resenha do trabalho, que
assim o define: **“Urbano-constelação” é uma con-**
ceitualização com força imagética e uma agenda
de pesquisa, um livro-posicionamento.

Na sessão **Passagens, Ensaio Fotográfico por Joa-**
na França, a fotógrafa nos apresenta um belíssimo
trabalho que percorre a Superquadra 309 sul. Sua pro-
posta é “mostrar Brasília para além da visão espetá-
culosa, apresentá-la pelo percurso de uma criança do
Plano Piloto que caminha até o clube, o supermercado,
o restaurante, a escola, a papelaria, a aula de balé, o
centro cultural”. A **capa, criação de Lídia Quièto**,
se apropria das reflexões imagéticas de Joana França
e, a partir delas, traça um diálogo com o pensamento
moderno, seus marcos e a organicidade presente na
vida cotidiana e no desenho das águas que compõe o
traçado da cidade de Brasília – hoje constituído entre
o ideal do plano original e as apropriações e interven-
ções demandadas pela vivência ordinária na cidade.

Excelente ano! Saúde e paz! Boas leituras e... nos ve-
mos em 2024!